

# Imprensa e parlamentares, jogo de aparências

Qualquer coisa parecida com a amizade entre um gato e um rato. É assim o relacionamento entre a imprensa e os políticos no Congresso. Os jornalistas até já listaram os desafetos

Maria Rosa Costa

Além de insólito, o fato de o deputado Nilson Gibson (PMDB-PE) ter ocupado a tribuna da Câmara na tentativa de desmoralizar os jornalistas credenciados naquela Casa e no Senado se destacou pela gratuidade da agressão e por, finalmente, fazer com que Gibson atraísse a atenção dos repórteres, ainda que sob a forma de protesto.

A atitude do deputado mostra que a convivência diária entre jornalistas e parlamentares no Congresso Nacional é mais difícil do que supõem aqueles que não participam dela. Embora — felizmente — não chegue ao ponto de radicalismo empregado pelo deputado. A intimidade imaginada pelos leitores, ouvintes ou telespectadores não passa de uma ilusão. As coincidências entre o profissional e o político são mínimas, centralizando-se no fato de que ambos estão ali no cumprimento de uma missão. Quer seja aquela prevista no contrato de trabalho ou a que foi imposta pelo voto popular.

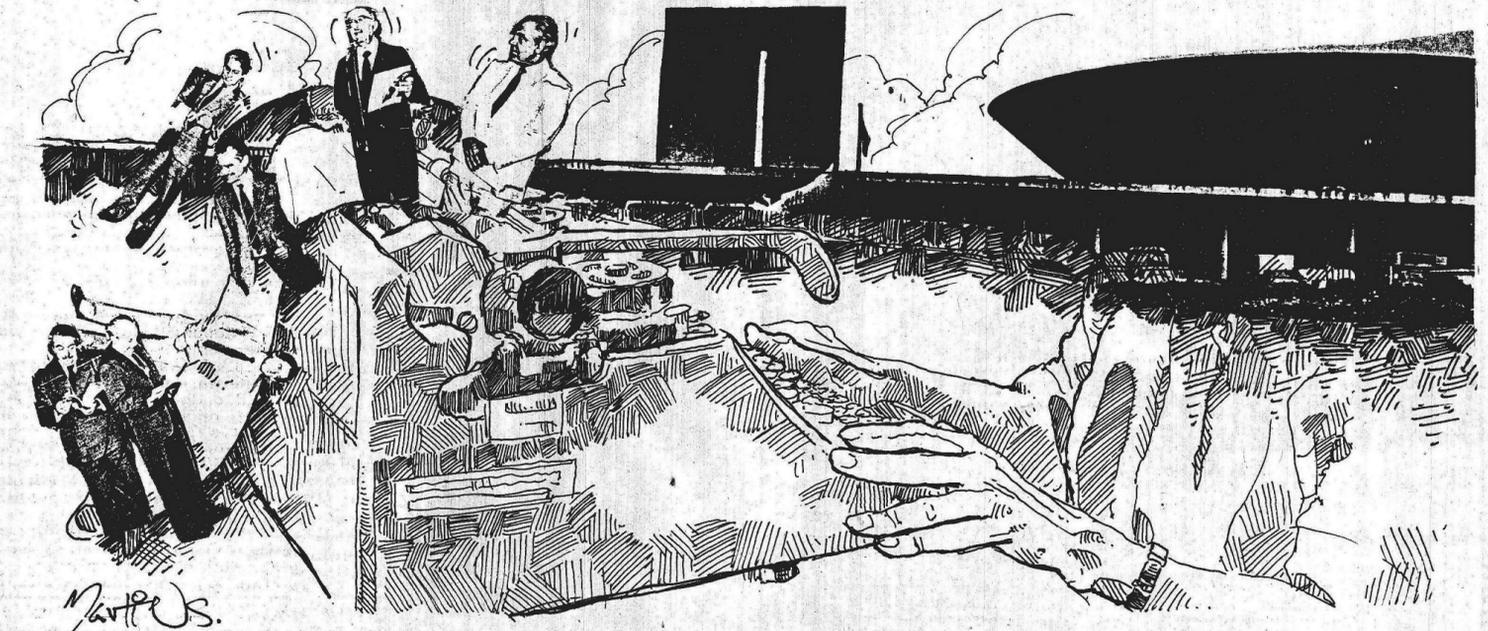
A proximidade afetiva resta apenas para os repórteres e parlamentares que atravessaram juntos os principais momentos do Congresso. Os que assistiram ao seu fechamento, à implantação do parlamentarismo, (tendo Tancredo Neves como Primeiro-Ministro) as duas extinções dos partidos e outros lances que fazem a alegria dos *brazilianistas*.

**Sobrevivência** — O repórter quando pisa os tapetes verde e azul da Câmara e do Senado sente-se literalmente perdido. Mais ou menos como ocorre com o deputado ou senador recém-eleito. A reação que se dá logo em seguida só pode ser entendida diante da lei da sobrevivência, profissional ou política. Logo logo, com poucas exceções, as duas partes vão aprendendo a se entender, numa mistura de admiração, respeito, chegando ao extremo de uma certa cumplicidade ou de uma rejeição mútua. E quando o parlamentar deixa claro que não quer ser incomodado pelos jornalistas (acham que estão ali como tietes à procura do ídolo) e o jornalista falta pouco para perguntar que espécie de eleitor teria usado seu voto para favorecer aquele político. A recíproca nem sempre é verdadeira. Há deputados e senadores bem situados em defesa de suas posições, mas que ignoram todas as regras de civilidade no trato com os repórteres. Estes passam ser os procurados exclusivamente em função da pauta do dia. Se os campeões do desafio estiverem em local ignorado, melhor para o repórter. Fez o que pôde para executar sua tarefa e "não conseguiu" — quem sabe até ajudado pela sorte.

São muitos os macetes para o jornalista encarregado da cobertura do Congresso Nacional. Ele deve saber quem omite a verdade, quem são os que buscam apenas promoção pessoal; os que visam apenas atingir seus desafetos no Estado (os baianos são bem chegados a isto), o que são habitualmente grosseiros (são poucos); os que inventam palavras na hora; os que sempre têm o *lead* pronto numa frase de efeito e os que se limitam a lançar palavras ao vento. Informações que é bom, nada.

O ex-deputado e líder do PDS, Nelson Marchezan, conseguiu se destacar como uma das figuras mais ríspidas no meio dos jornalistas. Era comum ele estourar em quase todos os *briefing* no seu gabinete, onde a assessoria se encarregava de servir biscoito com chá ou café para os repórteres. Quase ninguém conseguia degustar o lanche até o final. O líder costumava perder as estribeiras e expulsar todos aos gritos: "Saíam daqui, me deixem em paz, eu não tenho o que falar". Era um tal de café e chá derramado por todos os lados, só porque o assunto em questão havia desagradado ao deputado. Minutos depois, seu chefe de gabinete, Henriques Hargreaves — hoje assessor parlamentar da Presidência da República, procurava cada um dos atingidos pela fúria do deputado para pedir desculpas.

**Isolar** — Outra dica que não deve ser esquecida é a dos parlamentares



que começam a entrevistar lembrando que foram cassados, presos e exilados. Eles, com certeza, não têm nenhuma informação de peso. E como se dissessem: de tão glorioso, o meu passado me exige de prestar qualquer informação à imprensa. Como os editores odeiam reminiscências, normalmente tudo o que o repórter consegue é perder seu tempo.

Numa conversa entre coleguinhas, no comitê do Senado, chegou-se à conclusão que a pior fonte é aquela que liga para o jornal — normalmente atrás da direção — logo que termina a entrevista. O repórter é acionado por telefone e mesmo sem nenhuma advertência prévia fica claro que o entrevistado quer um tratamento diferenciado na matéria. Este tipo de parlamentar consegue se isolar aos poucos. Passa a ser procurado apenas em obediência à pauta, seja lá o cargo que tiver.

Uma diferenciação possível é a dos parlamentares que conseguem prender os repórteres numa entrevista de duas horas, sem dizerem absolutamente nada que interesse ao jornal. Repetem as frases de sempre, são agradáveis, estão em pleno meio do rebuliço político mas não soltam nada.

O presidente do PFL, Marco Maciel, um dos políticos mais educados junto à imprensa, foi eleito o número um entre os que conversam sem dizer nada e consequentemente sem se comprometer com o noticiário político. Maciel passou toda a Constituinte defendendo o presidencialismo sem abandonar sua frase predileta: "a equipotência dos poderes ressurgirá com um Executivo participativo". Se esta mensagem cifrada chegasse aos ouvidos, o radialista, com certeza, correria o risco de receber aviso prévio.

**Plantões** — Há, ainda, os que sabem usar a imprensa a ponto de facilitar o trabalho dos jornalistas. O telefonema do senador Carlos Chiarelli, líder do PFL, por exemplo, é aguardado com ansiedade nos plantões de domingo. Ele, que já foi repórter, sabe exatamente o que dizer para valorizar a informação. Quando participava das reuniões do Conselho Político do governo, Chiarelli era sempre o porta-voz a quem os repórteres procuravam exatamente pela forma como transmitia os fatos. Uma coisa é dizer: o presidente Sarney enviará aos ministros um aviso sobre o uso dos carros oficiais, como faria o líder do governo no Senado, Saldanha Derzi. Ou, então, inflar o peito e dizer que a moralidade agora é para valer: "O presidente Sarney reprimirá de todas as formas os abusos praticados com o uso indevido dos veículos de chapa branca, pagos pelo bolso dos contribuintes", como Chiarelli faria, no tempo em que era amigo do Presidente da República, claro.

## Os mais agradáveis



Roberto Freire

### ■ CÂMARA

- 1 — Roberto Freire (PCB-PE) — 35 votos
- 2 — Euclides Scalco (PSDB-PR) — 23 votos
- 3 — Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) — 18 votos
- 4 — Paulo Delago (PT-MG) — 10 votos
- 5 — Bernardo Cabral (PMDB-AM) — 8 votos



Jarbas Passarinho

### SENADO

- 1 — Jarbas Passarinho (PDS-PA) — 49 votos
- 2 — Ronan Tito (PMDB-MG) — 10 votos
- 3 — Jutahy Magalhães (PMDB-BA) — 6 votos
- 4 — Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) — 5 votos
- 5 — José Fogaca (PMDB-RS) — 4 votos

## Os intratáveis

### ■ CÂMARA

- 1 — José Serra (PSDB-SP) — 46 votos
- 2 — Francisco Dornelles (PFL-RJ) — 14 votos
- 3 — Nilson Gibson (PMDB-PE) — 12 votos
- 4 — Roberto Jefferson (PTB-RJ) — 11 votos
- 5 — Rita Furtado (PFL-RO) — 09 votos



José Serra

### ■ SENADO

- 1 — Leite Chaves (PMDB-PR) 38 votos
- 2 — João Menezes (PFL-PA) 23 votos
- 3 — Alexandre Costa (PFL-MA) 14 votos
- 4 — Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) 12 votos
- 5 — Meira Filho (PMDB-DF) 11 votos



Leite Chaves

## Falam ao vento



Ibsen Pinheiro

### ■ CÂMARA

- 1 — Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) — 26 votos
- 2 — Paulo Mincaroni (PMDB-RS) — 18 votos
- 3 — Humberto Souto (PFL-MG) — 16 votos
- 4 — Expedito Machado (PMDB-CE) — 15 votos
- 5 — Irma Passoni (PT-SP) — 10 votos



Marco Maciel

### ■ SENADO

- 1 — Marco Maciel (PFL-PE) — 28 votos
- 2 — Meira Filho (PMDB-DF) — 26 votos
- 3 — Olavo Pires (PTB-RO) — 14 votos
- 4 — Gerson Camata (PMDB-RS) — 12 votos
- 5 — Saldanha Derzi (PMDB-MS) — 11 votos

## É bom conhecer o biorritmo do "seu" político

Enquanto a entrevista não sai, os repórteres costumam conversar exatamente sobre os parlamentares com quem convivem no dia-a-dia. Na maioria das vezes é mais um desabafo contra a bronca imerecida, a dificuldade em se fazer tal pauta com aquele deputado intratável e coisas do gênero. E aí que surgem os nomes daqueles que pela *amabilidade*, educação e nível de informação, conseguem tornar o trabalho mais fácil. Eles foram eleitos como "os mais agradáveis" numa pesquisa feita com 80% dos jornalistas que frequentam os dois comitês. São 280 profissionais credenciados na Câmara, sendo que apenas 40 deles escrevem no local. No Senado, o número de credenciados cai para 90, com apenas 20 deles presentes todos os dias. Cada item foi votado duas vezes pelo repórter.

O senador Jarbas Passarinho teve o voto de praticamente todos os eleitores. E ele, sem dívida, uma das pessoas que mais respeita o repórter e tenta facilitar seu trabalho. Além de seguir uma regra que anda meio sumida no Congresso: a de não mentir. Quando muito, nas vezes em que sabe do fato mediante sigilo, ele omite a parte que deve ser resguardada, mas o que fala nunca faz parte de um jogo de informações. Passarinho também se destaca por não diferenciar os focos dos medalhões. Todos recebem o mesmo tratamento cortês. A repórter Nadya Risocelly, da Bandeira, logo que chegou a Brasília recebeu mal a pauta para ouvir o presidente do PDS. Imaginou horas a fio de espera e o encontro com uma figura arrogante, impressão desfeita no primeiro contato. O senador só não consegue ser melhor porque seu gabinete está invariavelmente cheio de paraenses. E como falam, seus eleitores.

A preferência a favor do deputado Roberto Freire, líder do PCB é facilmente identificável. Ele é o único que, apesar de oficialmente lançado pelo partido, não assumiu a pose de presidenciável de difícil acesso. Freire fala sobre qualquer assunto, nunca perdeu as estribeiras com os jornalistas e age de acordo com a realidade, vendo cada um deles como um profissional no desempenho de seu trabalho.

O que não ocorre com os senadores e deputados votados entre os mais difíceis. Fernando Henrique Cardoso conseguiu figurar nos dois blocos. É agradável para alguns profissionais, enquanto que para outros ele corporifica o elitismo que tanto tem atrapalhado o seu partido, o PSDB. Outro tucano, o deputado José Serra, conseguiu disparar na frente entre os intratáveis na escolha dos repórteres de política. Os setoristas de economia vêem um certo exagero na apuração, apesar de não imaginarem Serra conversando sobre política.

José Serra é capaz de sair do plenário para o gabinete de Fernando Henrique ignorando a pergunta do repórter que está a seu lado. No início, isto era atribuído à sua condição de candidato a Ministro da Fazenda, querendo se preservar. Agora ninguém perde mais tempo em explicá-lo. A repórter Mary Zaidan contradiz seus colegas vendo no deputado uma pessoa "que não fala o que não domina nem conta sobre a reunião de que não participou".

Uma pauta com Dornelles é sobretudo difícil para os repórteres de televisão, principalmente se a gravação for direta. Ele reclama durante todo o tempo.

No Senado, os argumentos contra Leite Chaves e Menezes é que eles têm uma incrível capacidade de se repetir. Só falam aquilo que querem e se isto não se encaixar com a pergunta do repórter, pior para a pergunta, como diria Nelson Rodrigues.

Outros casos, menos cotados na pesquisa, como o senador Mário Covas, não dá para definir o nível de seu humor. De qualquer forma se aconselha que o repórter dê um jeito de acompanhar o biorritmo do senador para não apanhá-lo naqueles dias.